

Oportunidade de ouro

GEORGE VIDOR

A economia brasileira já está crescendo a um ritmo de 5% ao ano, o que é muito significativo, dado que a população do país hoje se expande a uma taxa média anual de 1,5%, com tendência a cair para menos de 1% até o final do século. No início da década de 70, o crescimento econômico chegou a ser da ordem de 9%-10%, mas naquele período o aumento populacional era extremamente alto (em torno de 3% ao ano). Assim, em termos relativos, os atuais índices são até mais positivos que os da época do "milagre".

Há várias indicações de que esse impulso de crescimento não se esgotará em 1994. A principal delas são as encomendas não só de máquinas e equipamentos importados, mas também junto à indústria brasileira de bens de capital. A venda de caminhões aumentou 49% nos últimos meses, e a de tratores e implementos agrícolas superou a casa dos 30%.

Tanto o investimento como o consumo vêm se expandindo praticamente sem contar com o auxílio do crédito (diferentemente de 25 anos atrás, quando se comprava ferro elétrico em 24 prestações e havia todo tipo de

financiamento subsidiado para indústria e agricultura).

O grau de endividamento das pessoas e das empresas privadas é hoje inexpressivo no Brasil, se comparado ao de outros países (Argentina e México, por exemplo, onde a classe média costuma acumular pesadas dívidas em dólar nos seus cartões de crédito).

Nos Estados Unidos, para calcular o valor ideal do seguro de vida de um executivo, o corretor parte do total das dívidas que o cliente deixaria para sua família em caso de morte súbita. Em grande parte dos casos, o executivo deve metade da casa em que mora, 80% do barco, tem pelo menos um dos carros financiados e ainda possui dívidas pessoais decorrentes de viagens de férias. Quando fazem seguro de vida de executivos brasileiros, os corretores americanos se surpreendem ao constatar que a maioria deles não tem qualquer dívida. Não sabem então como fazer o cálculo do seguro ideal.

Recessão prolongada, receio do desemprego, inflação crônica, correção monetária e altas taxas de juros levaram os brasileiros a ter pavor do endividamento. Mas, com a estabilidade das moedas e a queda dos juros para níveis civilizados, é natural que o crédito volte a ter importância na economia brasileira. Pode-se imaginar qual o tamanho do

mercado interno no dia em que o consumidor estiver adquirindo normalmente em 18 ou mais prestações um automóvel com três anos de uso! É claro que esse processo terá de ser progressivo. Até que a oferta se compatibilize com o aumento da demanda, evitando pressões inflacionárias, as taxas de juros permanecerão um pouco elevadas e o crédito contido.

Há muito tempo que o Brasil não reunia condições políticas tão favoráveis para assegurar a estabilidade da moeda, o que é fundamental para a recuperação da economia. Depois da experiência fracassada do socialismo, muitas das correntes auto-intituladas progressistas perceberam que não será possível promover as mudanças que o país precisa aliando o capital desse processo. As correntes rotuladas como conservadoras, por sua vez, também se mostram sensíveis para os graves problemas causados pelas desigualdades sociais e regionais. As propostas convergem na mesma direção.

O Plano Real é a oportunidade de ouro para se atingir o objetivo de maior equilíbrio na sociedade brasileira, com incorporação da grande maioria da população ao mercado em um ambiente de liberdade democrática.

George Vidor é do corpo de editorialistas e repórteres especiais do GLOBO.